



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DEL SUR (UNASUR)
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

A PRAXIS DO PROFESSOR E O APRENDIZADO DO ALUNO: ESMIUÇANDO A
LEITURA E A ESCRITA NA VIDA DESSES SUJEITOS

Orientadora: Prof.^a Juliana Fonseca de Almeida
Gama

Disciplina: Sujeitos e estratégias da
aprendizagem

ALDNIR FARIAS DA SILVA LEÃO

Olinda-PE

2017

“... o fim da educação... é facilitar a mudança e a aprendizagem...,
facilitar a aprendizagem reside em certas qualidades de atitudes
que existem na relação pessoal entre o facilitador e o aprendiz.”

(Carl R. Rogers)

A PRAXIS DO PROFESSOR E O APRENDIZADO DO ALUNO: ESMIUÇANDO A LEITURA E A ESCRITA NA VIDA DESSES SUJEITOS

Aldnir Farias da Silva Leão.
aldnirfarias@gmail.com

Esse artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre a práxis do professor bem como a relevância dessa prática no processo de ensino e de aprendizagem, visto que, quando se ensina com entusiasmo, com afetividade, mostrando o quanto é gratificante participar desse mundo de descobertas, instiga o aluno a querer mais, a sentir vontade e desejo de evoluir, fazer novas descobertas e assim, irá formulando suas próprias ideias e técnicas para melhor desenvolver esse processo de aprendizagem. Mostrando a importância em considerar a individualidade de cada sujeito, onde, em suas particularidades serão desenvolvidas suas habilidades. No trabalho, também serão abordadas de forma enfática a leitura, e sua importância na formação desses sujeitos e a escrita, como habilidade diretamente ligada à leitura, ou seja, uma está diretamente atrelada à outra, e ambas funcionam como partes desse processo. Para o desenvolvimento do artigo trabalhou-se, dentre outros, com BORDENAVE & PEREIRA (s/a), RIBEIRO(2003), KLEIMAN(1989) e CARVALHO(2006). Por fim, à guisa de conclusão, afirma-se que, independentemente de origem e/ou cultura, o sujeito possui características individuais, que garantem seu crescimento intelectual e social, sendo o resultado desse processo único, de acordo com cada singularidade, para alguns, crescimento peculiar, para outros, evolução plena. Sendo o professor um dos sujeitos que funciona como parte integrante e relevante desse processo.

O professor como sujeito mediador e incentivador no processo: sua práxis e seu reflexo no mundo do aluno

Abordar essa temática é um tanto instigante, sugestivo, e ao mesmo tempo desafiador, pois falar sobre professor, aluno, leitura e escrita, abre-se um leque imensurável de informações, confrontos e ideias. Porém, são inúmeras as inquietações a respeito desses temas.

Apesar de sabermos do compromisso com a educação, com o processo de leitura e escrita, com o feedback de tudo isso que é o resultado positivo no processo

de ensino e aprendizagem, ainda encontramos, em sala de aula, muitos professores que não julgam essa habilidade da leitura tão importante, por isso, não a executam como deveriam. Como diz Kleiman, (1989, p. 151) “faz-se necessário repensar o ensino de leitura na escola”, analisando como esta habilidade está sendo oferecida ao aluno, e como este a recebe.

Cabendo aqui, uma autoavaliação: Será que nós, que fazemos parte desse meio, estamos realmente cumprindo nosso papel de educadores, colaboradores para o crescimento desses sujeitos ou apenas sendo mais um no *mundo do faz de conta que aprende e que faz de conta que ensina*. Para contribuir para o desenvolvimento do indivíduo deve-se ter consciência da responsabilidade de cada um, observar que sua contribuição positiva gerará bons frutos e que contribuirá direta ou indiretamente para o mundo que pertence a todos.

Porém, para dar o pontapé inicial a esse processo, é preciso conhecer-se como indivíduos mediadores “idealmente os professores funcionam como mediadores na aprendizagem[...]”(RIBEIRO,2003,p. 114) que investiga, escuta, discute, conhece e reconhece seu aluno, ou melhor, conhecer o sujeito que está a sua frente, cada um com suas particularidades, com sua identidade, pois como nos enfatiza SILVA(s/a, p. 39)“[...] o que temos é uma sociedade heterogênea, composta de pessoas singulares.” Quando reconhecemos essas particularidades, podemos executar nossa prática de forma mais justa. Assim, o processo de ensino aprendizagem será iniciado e desenvolvido positivamente, respeitando os limites de cada um e valorizando independentemente cada potencial. “Não podemos esquecer que o homem como totalidade envolve não só o pensar, o falar e o agir, ele é também sentimento. Portanto, compreendê-lo como ser psicológico completo implica considerar a sua base afetivo-volitiva.” (SILVA, s/a, p.40 *in* CARVALHO,2006) ou seja, considerar as emoções, as motivações, as vontades, enfim, os desejos e as necessidades de cada sujeito (quando digo *cada sujeito*, estou enfatizando a singularidade de cada um, sua essência, o que há de único no ser humano.). Como sujeito ativo no processo de ensino, o professor deve valorizar essas particularidades, compreendendo os limites do aluno, respeitando assim, seu momento, pois todo indivíduo é dotado de virtudes, por outro lado, de limitações, que dependendo da receptividade essas limitações podem ser amenizadas ou reforçadas.

A partir daí, o professor poderá ir instigando seus alunos a aperfeiçoarem essas habilidades primordiais para seus crescimentos intelectuais e sociais, ensinando-os a utilizar, da melhor forma, as estratégias de aprendizagem, tornando-se assim, bons alunos. Corroborando com essa ideia, RIBEIRO (2003, p.109) assevera que [...] bons alunos são mais aptos tanto na utilização de estratégias para adquirir, organizar e utilizar o seu conhecimento, como na regulação do seu progresso cognitivo.

Quando o sujeito passa a ter domínio, pactuar com o uso dessas estratégias o aprendizado evolui significativamente, se tratando das habilidades de leitura e escrita, o estímulo não será menos relevante, pois quanto mais se ler mais se quer conhecer, visto que a busca de conhecimento é infinita, o indivíduo nunca estará satisfeito, completo, mas se já conhece e vivencia essa prática, a busca será sempre insaciável, nunca encontrará seu limite, pois irá percebendo que quanto mais lê mais se informa e conhece o mundo. Sente-se realmente completo, cheio de conhecimento, querendo sempre mais. Visto que, a “[...] atividade e a linguagem são os modos essenciais do homem interagir no mundo [...]” (CARVALHO 2004b, p. 34. *apud* SILVA, s/a, p.38)

Sendo assim, O professor deverá perceber os destaques para essas habilidades, podendo contribuir para esse crescimento intelectual, no dia a dia com o aluno. Uma das estratégias de ensino que pode motivar, incentivar os alunos é a prática de leitura do professor.

Lajolo (2010, p. 108) enfatiza que:

A discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa envolver-se com o que lê.

De acordo com a postura do professor, seus exemplos, suas práticas didático-pedagógicas, o aluno o acompanhará, pois, muitas crianças se espelham em seus professores, suas ações refletem no aluno.

O professor, nesta perspectiva, apresenta-se como aquele que confere um modelo de leitura para o aluno-leitor, servindo-lhe de espelho, especialmente quando os pais deste aluno não

desenvolveram uma atitude positiva frente à leitura nem encorajam este tipo de atitude em seus filhos. (FERREIRA E DIAS, 2002, p. 44).

Ficando, então, boa parte da responsabilidade sobre o professor que está dia a dia com os alunos e, dependendo de seus comportamentos e /ou exemplos, estes alunos tornar-se-ão bons leitores e aprenderão a valorizar esta prática no cotidiano. E até mesmo, aperfeiçoar suas estratégias de aprendizagem, pois quando se ensina com entusiasmo, com afetividade, mostrando o quanto é gratificante participar desse mundo de descobertas, instiga o aluno a querer mais, a sentir vontade e desejo de evoluir, fazer novas descobertas e assim, se conhecendo mais, formulando suas próprias ideias e técnicas para melhor desenvolver esse processo de aprendizagem. Pois, segundo BORDENAVE e PEREIRA (s/a, p. 47) o que o estudante aprende é em parte algo que ele ajudou a criar, ou seja ele tem que se sentir e ser parte integrante do processo, se misturar com o professor e também contribuir diretamente para seu aprendizado.

Kleiman (1989, p. 18) assevera que:

Existe, muitas vezes, uma incoerência entre a declaração de princípios do professor e a caracterização desses princípios em prática de sala de aula. Assim como essa incoerência é observável em relação à leitura enquanto atividade entre o sujeito leitor e o autor.

O professor que nem sempre exerce as funções que lhes são cabíveis, age de forma contrária na educação, ou em qualquer outro setor.

Na escola, isso pode ser ainda mais negativo, pois a referência, o exemplo, não será apenas para um ou dois, mas para um grande grupo que está diretamente ligado ao professor, espelho para a turma.

Porém, se o professor diz gostar de ler e escrever, mas nunca é visto exercendo essa prática, como poderá convencer aos seus alunos que essa é uma atividade importante?

Sobretudo, cai sobre esse profissional, uma grande responsabilidade, não apenas a de ministrar suas aulas, apresentar os conteúdos programados, mas ser um facilitador nesse processo, ou seja, ensinar bem mais do que o currículo exige. Assumindo, muitas vezes, funções além do que julga seu ofício.

Manfredi (2002, p. 22) aponta que:

Na sociedade brasileira contemporânea novas exigências são acrescentadas ao trabalho dos professores. Com o colapso das velhas certezas morais, cobra-se deles que cumpram funções da família e de outras instâncias sociais; que respondam à necessidade de afeto dos alunos; que resolvam os problemas da violência, da droga e da indisciplina; que preparem melhor os alunos para as áreas de matemática, de ciências e tecnologia para coloca-los em melhores condições de enfrentar a competitividade; que restaurem a importância dos conhecimentos e a perda da credibilidade das certezas científicas; que sejam regeneradores das culturas/ identidades perdidas com desigualdades/ diferenças culturais; que gerenciam as escolas com parcimônia; que trabalhem coletivamente em escolas com horários cada vez mais reduzidos.

Escola: espaço onde as habilidades do processo de ensino e aprendizagem acontecem

Faz-se necessário à escola, como instituição responsável pela educação formal do indivíduo, por intermédio do professor, desenvolver essas habilidades no aluno. Conforme nos completa RIBEIRO (2003) partilhando os pensamentos de COSME E TRINDADE (2001): Torna-se assim necessário que a escola não circunscreva a ser, apenas, um espaço de difusão de saberes, mas se defina antes:

Como um contexto que estimule os seus alunos a apropriar-se e a construir, de uma forma progressiva, seu patrimônio pessoal de metacconhecimentos, ou seja, de conhecimentos sobre o modo como se adquire ,gere, utiliza e alarga o seu campo de saberes.(COSME & TRINDADE, 2001,p. 13 *apud* RIBEIRO,2003,p. 114).

É nesse meio institucional que ele pode e deve receber tais formações, visto que, essas habilidades, diretamente ligadas à linguagem são fundamentais para o desenvolvimento do cidadão, pois só com a prática constante da leitura e da escrita ele poderá conhecer e aprimorar o mundo em que está inserido, até mesmo transformar a realidade que não o agrada. A escola deve, portanto, formar cidadão crítico e capaz de atuar positivamente na sociedade que se insere, contribuindo para o desenvolvimento da mesma. Até por que, “a aquisição da leitura e da escrita requer um ensino formal mesmo em se tratando de crianças inteligentes e saudáveis [...]” (SANTOS E NAVAS, 2002, p. 4). Mais uma vez reforçamos a importância da escola nesse processo.

Kleiman (1989, p. 93) nos assevera que:

Na medida em que a defasagem entre as demandas da escola e a capacidade de leitura da criança vai aumentando, mais difícil será tornar o escolar um leitor proficiente, pois o fracasso traz como consequência a desmotivação pela leitura, criando um círculo vicioso, já que o desinteresse e a falta de motivação, por sua vez, inibem o desenvolvimento da capacidade de leitura.

Para a criança se tornar um leitor proficiente, precisa se sentir induzido à busca de conhecimento, motivado para a leitura, para que consiga desenvolver essa habilidade a cada dia, sendo a escola, um dos responsáveis por esse incentivo. “[...] Se o professor espera uma atitude curiosa e investigativa, deve propor prioritariamente atividades que exijam essa postura e não a passividade.” (PCN Introdução, p. 65).

A escola tem, pois a missão além de contribuir significativamente no progresso desses sujeitos em desenvolvimento, deve ver e rever sua equipe, seus professores, para que esses exerçam suas funções estimulados, motivados e afetivamente completos, pois eles são os principais responsáveis nesse processo.

As instituições de ensino deveriam formar seu corpo docente com professores que tenham autêntica vocação para ensinar, e dar-lhes todo apoio e incentivos para que façam com liberdade e tranquilidade. (BORDANAVE, p. 56)

Ainda a esse respeito, Basso (1998, p.27) afirma que “[...] o trabalho do professor será alienado quando seu sentido não corresponder ao significado pelo conteúdo afetivo dessa atividade previsto socialmente, isto é, quando o sentido pessoal do trabalho separa-se de sua significação.” (BASSO, 1998 *apud* SILVA).

Esmiuçando as habilidades de leitura e escrita na vida dos principais sujeitos responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem: o professor e o aluno

O professor não deve se limitar apenas ao processo de ensinar, no sentido restrito da palavra apenas de transferir conhecimentos, mas causar um impacto no aluno para que o mesmo busque seu próprio crescimento intelectual, não desista por achar que não conseguirá, que não é necessário aprender mais, pelo contrário, fazê-lo compreender a importância da educação para sua vida e, em especial, das habilidades de leitura e escrita. Trazendo assim, um novo sentido para a vida do aluno, facilitando o desenvolvimento do processo de aprendizagem para esse sujeito.

[...] ensinar, na acepção de transmitir conhecimentos, somente, tem sentido em um ambiente imutável, tal como o de uma sociedade primitiva, tradicional, estagnada. No ambiente de hoje, constantemente mudando, a função da educação não deveria ser ensinar, mas facilitar a mudança e a aprendizagem. (ROGER, *apud* BORDENAVE, p. 47, s/a).

Não basta dizer que o aluno não gosta de ler, não é interessado pela leitura, precisa-se fazer com que ele se interesse e se isso não acontecer é preciso averiguar a causa dessa desmotivação, que poderá está na escola, no professor, na turma, nas opções de leitura que estão lhe oferecendo ou não, que na maioria das vezes são impostas, e o sujeito não tem o direito de optar pelo que o interessa. Enfim, uma série de elementos e situações que podem originar e dar continuidade a essa problemática. Se o problema for diagnosticado a tempo, poderá ser resolvido, caso contrário, as consequências serão sucessivas.

Santos e Navas (2002, p. 50), afirmam que:

A etiologia desses problemas parece ser bastante heterogênea, com importantes fatores de risco correlacionados ou compartilhados em uma proporção de casos, havendo também evidências de que a dificuldade de leitura e escrita pode exacerbar os problemas de comportamento, talvez antes, mas, certamente, após o início da escolaridade, como reação secundária a seus problemas de rendimento escolar.

A dificuldade de leitura e escrita além de originar uma série de problemas no processo de aprendizagem, ainda encadeará outros problemas para a vida do indivíduo como, por exemplo, mudança de comportamento, pois se entende que se o aluno tem algum bloqueio, dificuldade em alguma área de conhecimento, ele poderá sofrer frustrações em sua vida escolar, social e familiar. Talvez, tudo isso o limite a pouco desenvolvimento intelectual.

Kramer (2010, p. 18) nos afirma que “acesso à leitura e à escrita é direito de cidadania e que a escola tem papel importante a desempenhar na concretização desse direito [...]”. E deve firmar uma parceria influente nessa área.

Não é só na escola que o aluno tem contato direto com o mundo da leitura e da escrita, mas é nesse meio que busca o conhecimento formal, que chega com expectativas para crescer culto e tendo o domínio de algumas habilidades. Assim sendo, é na escola que se forma esse cidadão crítico, conhecedor de sua função social na sociedade; não só de direitos, mas, também, de muitos deveres. A escola

poderá, portanto, contribuir consideravelmente para que esse discente cresça, conhecendo sua realidade e aprenda a exercer suas funções sociais nesse meio.

É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais de aprendizagem, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. (LAJOLO, 2010, p. 108)

Nesse contexto, a escola deve apresentar ao aluno diversidades de opções para leituras. Além disso, oferecer em sua base curricular conteúdos relevantes e inerentes às questões sociais e à realidade do aluno, ir além das expectativas do educando, instigar suas curiosidades, aprimorar seus conhecimentos prévios, valorizando-o e fazendo-o se aprofundar sempre mais no que ler.

Para que assim, o aluno não seja mais um *cidadão lagartixa*, aquele cidadão que só balança a cabeça para tudo que escuta aquele que não está preocupado em contribuir para o crescimento social, mas apenas concorda com tudo e com todos, não esboça nenhuma reação diante de problemas comuns, que talvez com sua ajuda fosse possível solucioná-los. Isso nos leva a refletir que para esse cidadão é mais fácil aceitar o mal comum, do que reivindicar por direitos que beneficiariam, também, a ele. No entanto, vale salientar que:

Só nos tornamos plenamente sujeitos quando aceitamos como nosso ideal reconhecer-nos - e fazer-nos reconhecer enquanto indivíduos - como seres individuados, que defendem e constroem sua singularidade, e dando, através de nossos atos de resistência, um sentido a nossa existência. (TOURAINÉ, 2006, p. 123 *apud* VERONESE & LACERDA, 2011, p. 421).

Por outro lado, passando pela escola e esta cumprindo sua função social, o aluno-cidadão conhecerá seus direitos e deveres e concordará ou não com o que lê, vê e escuta; ainda saberá argumentar e contribuir positivamente por uma sociedade melhor.

Nessa sociedade existe um sujeito chamado homem que está sempre enfrentando desafios, buscando crescimento que está diariamente sendo influenciado por esse meio social, pois como ressalva SILVA (p. 41, s/a) “[...] é sob a influência do meio social que o indivíduo aprende a sentir de uma determinada forma, ou seja, quem dá uma conotação valorativa às situações é o meio social, a cultura em que o indivíduo se insere.”

Santos e Navas (2002, p. 176), em seus estudos sobre esta temática, nos informam que:

Esse sujeito necessita de tempo para apropriar-se do mundo, constituir-se a si mesmo, relacionar-se com os outros e realizar atividades. Necessita tempo para aprender, interpretar o mundo em seu conjunto de significados, desenvolver suas competências, inscrever no espaço social sua própria história.

No plano pessoal o indivíduo é responsável por sua história, suas realizações dependem do que busca e de suas batalhas. O mundo é cheio de oportunidades, porém, só quem as percebe é capaz de aproveitá-las. Apesar de já nascer com algumas habilidades, o homem precisa aperfeiçoá-las e até desenvolver novas. Para isso, precisa de tempo para assimilar o que está acontecendo, reconhecer seu espaço e, se necessário e possível, transformá-lo.

Partindo do princípio da essência da humanidade, ou melhor, da criança, poderemos contribuir para a formação desse cidadão, é na escola que se pode realizar muito dessa ação.

A vida escolar de uma criança será refletida no adulto do futuro e na sociedade que a espera, para aceitá-la ou não. Se esta criança tiver acesso a uma educação de qualidade, receber a formação e as instruções necessárias, neste espaço educativo, conseqüentemente, saberá como lidar com os problemas que encontrar no seu cotidiano, tanto no âmbito social quanto pessoal. Será um cidadão consciente e responsável, pois conhecerá as regras para viver melhor em uma sociedade tão seletiva.

O ensino da língua materna nos primeiros anos da vida escolar de um aluno é incomensurável. Mas, certamente, com um bom trabalho efetuado, torna-se, também, uma realização das mais gratificantes. Do bom resultado desse empreendimento dependerá toda a vida acadêmica desse aluno; já que a leitura e a escrita, além de propiciarem bom uso da linguagem oral, estão presentes em todas as disciplinas no ensino fundamental, médio e superior. E vão, certamente, acompanhá-lo em todos os contextos de sua vida. (GOMES, 2009, p. 5)

Boa parte dos que pertencem a esse meio, precisam perceber quão importante é sua contribuição na formação desse sujeito, desde os primeiros momentos na escola, devendo conscientizá-lo da importância da prática da leitura e escrita, mostrando que é algo insubstituível no seu processo de formação, pois delas

dependemos para tudo, conhecer algo novo, conhecer sua realidade, e fazê-lo entender que em qualquer área, qualquer disciplina, qualquer momento de sua vida far-se-á necessário conhecê-la, e conhecê-la bem.

Segundo Solé (1998), um dos maiores desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Sendo, pois, a aquisição da leitura imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e isso provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguem realizar essa aprendizagem.

Nas ações que fazemos necessitamos dessa prática não apenas por que a sociedade discrimina, mas porque as pessoas estão evoluindo a cada dia. O homem em suas múltiplas identidades que estão em constantes transformações, adapta-se ao meio para melhorar suas condições de vida: na contemporaneidade em que a revolução tecnológica tomou proporções significativas a sociedade está ficando mais exigente. Para acompanhar essas exigências o homem precisa evoluir e se aperfeiçoar cada dia mais, buscando estar sempre informado e preparado para atender aos requisitos dessa sociedade ativa. Visto que, “As normas, os estilos de vida e as relações presentes em cada cultura são modificados ao longo do tempo e caracterizam os diferentes momentos da sua história.” (MACEDO, p.91, s/a *in* CARVALHO,2006). Vive-se melhor, mas há uma cobrança maior de todos. Em uma simples ida ao mercado, desde a lista do que precisamos comprar até o momento de nos dirigimos ao caixa, precisamos fazer uso da leitura e da escrita, anotar os produtos, verificar os preços, a data de validade; para pegar o ônibus, para chegar ao ponto de ônibus, enfim, para qualquer fim, qualquer atividade rotineira, essas habilidades estão presentes, e quem não as possuir passará por vários constrangimentos, até humilhação.

Barbosa (1994, p.115) nos assegura, que “a flexibilidade de atenção, as várias formas de ler para aprender o sentido do texto, é fundamental para o homem e sua adaptação ao mundo moderno.” Para este autor, para acompanhar os dias atuais, a evolução do mundo social, cultural e tecnológico, o indivíduo precisa saber ler, entender e compreender, os textos, fazer por merecer essa habilidade, entendê-los intimamente.

A escola deve contribuir para a formação desse leitor curioso, investigativo e com alto nível de interpretação, produtor de novas ideias, ou seja, um leitor que

saiba diferenciar e utilizar as estratégias eficazes para seu desempenho mesmo que fundamentado em alguém; contribuir para a formação de um bom leitor, como diz Kleiman (1989, p. 35):

[...] bom leitor é aquele que lê muito e gosta de ler, e concordaríamos em que o caminho para chegar a ser um bom leitor consiste em ler muito. Deve-se, então, conscientizar as crianças que para sermos bons leitores, precisamos ter o hábito da leitura, fazê-la prática constante em nossos dias.

No entanto, boa parte dos alunos não percebe quão importante são essas habilidades, porém, nós, que fazemos escola, devemos conscientizá-los da necessidade de adquirirmos e aperfeiçoarmos essas práticas para o presente e o futuro, para a vida, pois tudo está diretamente ligado à leitura e à escrita, como foi mencionado anteriormente.

Como diz Lerner (2002, p. 18):

O necessário é fazer da escola um âmbito onde leitura e escritas sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer responsabilidades que é necessário assumir.

A escola deve, então, ter uma preocupação cada vez maior com a formação de leitores, instigar o desenvolvimento do educando. Esta deve direcionar o seu trabalho para a prática, cuja expectativa não seja apenas o ensino de leitura em si, mas desenvolver nos alunos a capacidade de fazer uso da leitura, como também da escrita, para enfrentar os desafios da vida em sociedade. Assim, a partir do conhecimento adquirido com essa prática e com suas experiências, possa continuar o processo de ensino aprendizagem e tenha um bom desempenho na sociedade ao longo da vida.

Portanto, “o aprendizado ocupa um lugar privilegiado em nossas vidas, visto que grande parte das nossas ações é aprendida.” (SILVA, p.101 *in* CARVALHO, 2006).

Considerações finais

Diante do exposto, podemos concluir que, independentemente de origem e/ou cultura, o sujeito possui características individuais, ou seja, “[...] cada sujeito reage, elabora e lida de modo singular com as mesmas determinações e influências sociais.” (SILVA, s/a, p.41 *in* CARVALHO,2006). Sendo assim, o professor precisa está preparado para atender a esse público tão único e ao mesmo tempo diversificado, que precisa além de desenvolver as habilidades básicas do conhecimento formal, como leitura e escrita também se descubra como sujeito responsável pelo próprio crescimento, tanto intelectual quanto social.

Por outro lado, a escola, instituição formal totalmente responsável por esse processo, deve preparar seu professor, olhando-o como ser especial e necessitado de valorização, principalmente pessoal, e cuidar para que sua equipe esteja sempre satisfeita e feliz com o seu trabalho, pois a motivação nada mais é do que a mola motora que dá um significado importantíssimo no resultado do processo, tanto de ensino do professor, quando do aprendizado do aluno.

Referências

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994, p.159.

BORDENAVE, Juan Díaz & PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de Ensino Aprendizagem**. Vozes,_____

CARVALHO, Maria Vilani Cosmo de. **Temas em Psicologia e Educação**.(org.).Belo Horizonte: Autêntica.2006.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

KLEIMAN, Angela B. (Org.) **Leitura, ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010.

LAJOLO, Mariza. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 120 p.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

RIBEIRO, Célia. **Metacognição: Um Apoio ao Processo de Aprendizagem**. Reflexões e Críticas. Universidade Católica Portuguesa. 2003.

SANTOS, Maria Thereza Mazon dos & NAVAS, Ana Luiza G. **Distúrbios de leitura e escrita: teoria e prática**. São Paulo: Manole, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.